

De Itapuã a João Pessoa (PB): análise de um episódio na “Passarela do Samba”

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: MÚSICA, GÊNERO, CORPOS E SEXUALIDADES: PROCESSOS,
MÉTODOS E PRÁTICAS DE PRODUÇÃO SONORA DOS ARTIVISMOS FEMINISTAS
DECOLONIAIS

Harue Tanaka

Universidade Federal da Paraíba – hau-tanaka@hotmail.com

Resumo. Esta comunicação tem o intuito de relatar a visão da educadora musical/pesquisadora/instrumentista/artista que teve sua tese em Educação Musical (2012) utilizada como uma das fontes que ensejaram a criação dos samba-enredo (letra e melodia) e enredo (concepção e realização) da Unidos do Viradouro que homenageou o foco de seu estudo de caso etnográfico – As Ganhadeiras de Itapuã –, sagrando-a campeã do desfile das escolas de samba do grupo especial carioca, em 2020. O episódio provoca a reflexão sobre a “circularidade do conhecimento” (MOURA, 2020) e sobre as aproximações entre o âmago da tese e outros universos de mulheres performers musicais estudados pelo grupo MUCGES.

Palavras-chave. Ganhadeiras de Itapuã. Circularidade do conhecimento. Educação musical. Decolonialidade. MUCGES.

From Itapuã to João Pessoa (PB): Analysis of an Episode on the “Passarela do Samba”

Abstract. This communication aims to relate the vision of the music educator/ researcher/ instrumentalist/ artist who had her thesis in Musical Education (2012) used as one of the sources that creation of samba-plot (*samba-enredo*) (lyrics and melody) and plot (conception and realization) of *Unidos do Viradouro* (“*Viradouro de Alma Lavada*”) that honored the focus of her ethnographic case study – *The Ganhadeiras de Itapuã* –, classifying a champion of the parade of samba schools of the special group in Rio de Janeiro in 2020. The episode causes a reflection on the “circularity of knowledge” (MOURA, 2020) and on approximations between the core of thesis and other universes of women in musical performances studied by the *MUCGES* group.

Keywords. Ganhadeiras de Itapuã. Circularity of knowledge. Musical Education. Decoloniality. MUCGES.

1. Introdução

Em 2019 recebi um convite para desfilar no sábado de carnaval do ano seguinte no Rio de Janeiro. O episódio que passo a narrar ensejou as reflexões da presente comunicação oral. No dia anterior ao desfile, a doutora Alda Oliveira (ex-orientadora do doutorado) manifestou entusiasmada a importância de relatar o acontecimento e o que poderia representar para a academia, na minha visão, ver um foco de estudo de uma pesquisa sócio-educativa-musical chegar à “Passarela do Samba” (termo popular para o Sambódromo).

Raramente as pesquisas realizadas em nossos programas de pós-graduação obtêm a divulgação ou o alcance almejados. A referida tese foi defendida em 2012, sendo o capítulo 1 dedicado à contextualização do universo e da história do grupo homenageado – As

Ganhadeiras de Itapuã –; bem como ao primeiro contato com o grupo e a aceção do termo ganhadeira. Na época, tendo sido aprovada no teste seletivo para cursar o doutorado, e tendo fixado residência há poucos dias, fui apresentada ao grupo, elegendo-o de pronto como foco de estudo.

Doze anos depois volto a discutir sobre um tema que, na maioria dos casos, “finalizamos” compulsoriamente no âmbito acadêmico, pela necessidade emergente do cumprimento de prazos. Fechamos o capítulo conclusivo, mas não se esvai a tenacidade e a vontade de continuar estudando tudo que adjaz ao fenômeno escolhido; permanece a “curiosidade epistemológica”, como nos ensinou Freire (1996, p. 33). “Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer tanto mais, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo a ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica”.

As Ganhadeiras de Itapuã (ou Ganhadeiras) foram escolhidas para serem homenageadas pela escola de samba niteroiense Unidos do Viradouro (fundada em 1946, vice-campeã, em 2019), sagrando-a campeã do carnaval de 2020. A repercussão desse evento, já que a escola ganhara seu último título há 23 anos (1997), foi de tal monta que nos fez refletir sobre as escolhas e caminhos acadêmicos que nos levaram a tomar certas decisões. Sendo assim, o fato é que continuamos a “fazer pontes”, como dito no suporte teórico da tese – Abordagem PONTES (AP) – (OLIVEIRA, 2015). Entretanto, entendemos que as questões epistemológicas afloraram notadamente no momento em que partimos para a escolha do grupo das Ganhadeiras, na época pouco compreensível sobre o patrimônio subjacente, porém intuitivamente, compreendido como cenas que se faziam ecoar em pleno século XXI. Quem eram As Ganhadeiras? “Uma só voz bradando sons de outrora, remontando a uma época em que as vozes, por vezes, eram sufocadas pelo trabalho; em outras, aliviavam a labuta diária” (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 22).

2. Circularidade de saberes (“Circularidade de conhecimento”): “Enredo”ⁱ

A relação construída entre a pesquisadora e As Ganhadeiras de Itapuã encontra-se na experiência proporcionada pela observação periféricamente participante (metodologicamente construída) e as PONTES pedagógicas (OLIVEIRA, 2015), naturalmente ocorridas. Inúmeras foram as lições que aprendemos, e que permitiram a confirmação de convicções pedagógicas que, de certo modo, norteavam minha prática docente, dentre elas: a sensibilidade para a prática da tolerância (TANAKA SORRENTINO,

2012, p. 446); a ouvidoria libertária e respeitabilidade sobre a diversidade humana e com os aprendizes (“o exercício de uma pedagogia democrática contempla uma liberdade acompanhada”) (Idem, p. 445). Incontáveis lições aprendidas ao longo de quatro anos que sugeriram um quadro de recomendações aos educadores musicais (Idem, p. 435-473).

Acreditamos que a grande vitória, nesse episódio, para os pesquisadores na área da Música (educadores, educadores musicais, etnomusicólogos, etc.), também, na maioria dos casos, *performers* musicais, está na visibilidade do explicitado pela academia; do que ela observa nas “ruas” e que à sociedade retorna em forma de conhecimento elaborado. Reflexões analíticas que potencialmente podem atingir leitores através das pesquisas defendidas e das notícias sobre o objeto de estudo. O episódio mencionado foi relatado no artigo de Mariluce Moura cuja autora narra toda a trajetória da pesquisadora até a produção da tese, analisando-a sobre a questão da “circularidade do conhecimento”.ⁱⁱ

Ao que Moura (2020) chamou de circularidade do conhecimento, entendo ser uma circularidade de saberes (valendo-me do conhecimento no âmbito da cultura popular, o saber popular).

O conhecimento que vem dxs sambistas, das ganhadeiras, xs tornam imortais por seu povo e permanece em sua memória através do (re)conhecimento (identidade/representatividade) de sua história. Destarte, a academia tem o compromisso de fazer lembrar quem são essxs atores e atrizes sociais e seus feitos, abalizando devidamente esse (re)conhecimento, produzindo análises reflexivas que retroalimentam a ciência.

3. “As ancestrais das Ganhadeiras de Itapuã” (Comissão de frente)

Essa talvez tenha sido a pergunta mais recorrente no início desse ano, bem como durante o período em que realizei o doutorado. A maioria das pessoas que antes não faziam ideia de quem elas eram passaram a conhecê-las a partir desse episódio. Os próprios soteropolitanos desconheciam o significado do termo que, pelo visto, passou a ser nacionalmente conhecido, depois de ser levada à passarela do “maior espetáculo da Terra”, na Marquês de Sapucaí (RJ). Historicamente, as ancestrais das ganhadeiras tem paridade com as zungueiras de Angola (MEDIUM, 2019)ⁱⁱⁱ.

Segundo o léxico, a palavra na linguagem formal seria ganhadora. Entretanto, no nordeste do Brasil, é comum o feminino de muitos termos terem final “eira” (exemplos: cirandeira, ganhadeira, catadeira, merendeira, lavadeira, etc.). “A palavra própria desta cultura popular refere-se àquela que mercadejava [mercação], apregoava para vender, no comércio de

ganho, a ‘ganhadeira’, e não como traz o léxico – ganhadora” (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 25, comentário nosso). Hodiernamente, representam as mulheres trabalhadoras e antigas descendentes de escravas de ganho; mulheres que vivem da renda que auferem com o trabalho doméstico, como baiana de acarajé, costureira, autônoma, educadora professora, etc. De fato, aprendemos que “ganhadeiras somos todas nós [...]” (G1.COM.BR, entrevista dada ao vivo, na TV Cabo Branco, 2020); representando todas as mulheres que lutam pela “liberdade”, agora, financeira e pela sobrevivência, resistindo às labutas diárias e intempéries da vida.^{iv}

O canto que encantou a autora da tese ecoou em forma de samba-enredo, magnetizando toda a “Passarela do Samba”, pela força do enredo e a vibração de um público eufórico e emocionado.

Entendo que o encantamento que causava no público [em Itapuã] vinha da combinação da atuação e da força das vozes que traduziam o sofrimento, a experiência de vida, a religiosidade e as crenças, frutos de uma ancestralidade que estava arraigada à vida daquelas mulheres, além do amor e da dedicação pelo que faziam, condição *sine qua non* para o sucesso em qualquer atividade que se desempenhe. (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 17, comentário nosso).

Várias foram as formas de divulgação, mídias eletrônicas e plataformas on-line que informaram ao público sobre a vitória no campeonato e que entrevistaram a pesquisadora que as estudou, após a conquista do título pela Viradouro. Consideramos, a narrativa do artigo da pesquisadora/ jornalista Mariluce Moura (2020), um dos mais completos relatos sobre a trajetória desse episódio a cujo título, nesta comunicação, aludimos parcialmente – “De Itapuã à Sapucaí, passando pela academia”.

Num esteio decolonial, tal citação aponta a importância dos programas de pós-graduação em um país que, possui uma enorme necessidade de implementação na educação básica e sobre os rumos que a pesquisa na área da música (educação musical) vem tomando. Não obstante entender que possui um comprometimento com a ciência no tocante ao aprofundamento das pesquisas e suas epistemologias; será na pluralidade de epistemologias as bases fundantes para o desenvolvimento humano e, por conseguinte, científico. “O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade interna da ciência), como na relação entre ciência e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência)” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12).

4. Decolonialidade, epistemologia e pedagogia aberta (“Evolução”)

Decolonialidade, epistemologia e pedagogia aberta são pensamentos que subjazem e afinam as análises perscrutadas pelo grupo de pesquisa MUCGES, possibilitando compreender a evolução ocorrida sobre o pensamento no sentido de ampliar a elaboração de seu patamar paradigmático. Do ponto de vista da decolonialidade poderíamos analisar o episódio que deu visibilidade à produção científica na área de educação musical explicitado pela tese, com destaque para a atividade escravocrata e o papel das mulheres na sociedade em finais do século XVIII e XIX. Num sentido de aproximação entre os grupos de mulheres que vimos estudando, há vários aspectos que contemplam a questão decolonial ao propormos, inclusive, utilizar suas pedagogias abertas. Consoante Oliveira e Candau (2010, p. 23), a questão nuclear, de um pensamento decolonial, “num projeto de emancipação epistêmica é a coexistência de diferentes epistemes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia, quanto nos movimentos sociais, colocando em evidência a questão da geopolítica do conhecimento.” Compreendemos que com isso abrimos espaço para o desenvolvimento crítico e transdisciplinar com outras epistemes. Para tal começamos por entender o próprio fazer musical local (João Pessoa-PB) (TANAKA, 2019), nos termos do *musicking* de Christopher Small.

Assim, nossas últimas publicações foram dedicadas aos saberes musicais, educativos e artísticos de mulheres performers e suas pedagogias abertas (TANAKA, 2018a) e ao exercício da “ecologia dos saberes” (diálogo), como parte das intervenções epistemológicas que investiram nas condições de um diálogo horizontal (SANTOS; MENESES, 2010, p. 13) e no qual encontramos forte aporte analítico-reflexivo nas chamadas epistemologias do Sul (Idem, 2010). “Para Boaventura de Sousa Santos, universidades não devem ser fábricas de diplomas, mas centros de pensamento livre abertos à cultura popular” (SANTOS apud ACAUAN, 2019, p. 36-37).

As pedagogias abertas são inerentes aos princípios flademianos (Fórum Latino-Americano de Educação Musical – Fladem) (BRITO, 2012). Nesse esteio, optamos por analisar os grupos exclusivamente de performers femininas, lutas e invisibilidades que ocorrem no âmago desse processo de mulheres, com mulheres e entre mulheres (TANAKA, 2018b).

5. Aproximações entre as ganhadeiras e outros grupos femininos artístico-musicais (“Harmonia”)

Se o estudo da categoria Gênero, para boa parte das integrantes do grupo de pesquisa MUCGES, ocorreu inicialmente com o ingresso no grupo, para nós tal demarcação ocorreu durante a dissertação de mestrado que ensejou o livro *Diário de Uma Ritmista Aprendiz* (TANAKA, 2009). A visibilidade dada ao grupo das Ganhadeiras pela Viradouro ajuda a ampliar os horizontes, abrindo espaços de discussão a educadorxs/ educadorxs musicais, no tocante aos enfrentamentos no combate às injustiças e violências contra as mulheres, bem como à intolerância de toda sorte (religião, política, racismo, etc.), também, no meio acadêmico, dentro do pensamento interdisciplinar.

Outro aspecto aproximativo entre todos os grupos estudados tanto das Ganhadeiras como dos demais grupos femininos está calcado na arte intrínseca as suas manifestações, formando um movimento de ativismo (arte + ativismo)^v; o que engloba um fim artístico-musical, de produção artística, aliado ao ativismo por causas como empoderamento das mulheres, lutas contra as violências (de gênero – feminicídio –, doméstica, simbólica, assédio moral, sexual etc.).

Apontamos o aspecto do marcador social de idade/ geração como um ponto salientado pela tese. A “geração estaria para idade como gênero está para sexo e etnia para raça”, assim sugeriu Britto da Motta (2001, p. 198), ao tratar tais marcadores sociais como categorias relacionais e construtos culturais. Como disse a autora, “ter-se-ia uma elaboração de ordem cultural sobre o seu correspondente par biológico. Entendendo-se, por isso, no direto sentido de uma indissociabilidade, visto que tais fatores de organização social são vivenciados de modo não homogêneos e deterministas” (Idem, 2001, p. 198). Baseando nas palavras da autora, entendemos que a categoria estudada na tese foi importante para entender outros entremeios do contexto como, por exemplo, o enaltecimento da cultura e ancestralidade das ganhadeiras. Aspecto esse, inclusive, destacado no desfile ao apresentar a comissão de frente com o título “Velhos areias de nossas ancestrais”. Entre os baluartes da cultura itapuãzeira estão mulheres pretas de origem humilde que são consideradas os ícones da manutenção da cultura local^{vi}. As ganhadeiras (coristas, compositoras) do grupo nelas se espelharam para criar o grupo musical/ artístico. Contribuição, inclusive, que nos remete ao entendimento de que a música (repertório) que se ensina tem uma história social subjacente. Salientamos, ainda, que as músicas cantadas/ contadas provêm de acontecimentos históricos nos quais suas antepassadas estiveram envolvidas como a Revolta dos Malês, das escravas de ganho (pregões e canto de trabalho)^{vii}, da importância e a participação histórica dessas mulheres para o trabalho ambulante e informal, em Salvador, que deu origem às atuais

comerciantes como as baianas de acarajé, às lavadeiras (do Abaeté, em Itapuã), às vendedoras de flores e de pequenos artefatos – ligados à costura, ao artesanato –, de água, de iguarias baianas – muqueca de folha, peixes, lelê, cocada, beiju, etc. (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 52; 240-241).

Maria de Xindó:^{viii} Ahã. Minha mãe morreu atrofiada com tanto peso que pegou. (...) pegou tanto que até a bacia [*parte do corpo*] dela estava ‘podre’. Minha mãe carregava um balaio de coco descascado (...) um caçuá de mandioca que hoje nem todo homem qué [*quer*]. [...]

Maria de Xindó: Eu cantava muito era na Lagoa do Abaeté. E lavava o dia todo, cantando. Lavando e cantando. Mas era cantando mesmo. Mas era cantando, dava imbigada [*umbigada*] e dava santo e tirava santo [*chacoalhando as mãos, rebolando e se remexendo toda sentada na cadeira*]. As meninas diziam que não sabiam como é que eu lavava aquela roupa [*risos*]. Aí a gente ficava do lado da Casa da Música e aí Damiana do outro lado, cantava lá e eu respondia cá [...]. (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 208-209)

6. “Bateria” de possibilidades para a educação musical

Ao estudarmos a história das ganhadeiras, a forma como todas elas se articulavam pedagogicamente (“fazem PONTES”)(TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 133-178), houve um ideal não só de promover um trânsito entre as metodologias nos contextos não escolar e escolar, mas um movimento de mão dupla. Ao mesmo tempo que, participamos dos grupos musicais e estudamos seus saberes na academia, retornamos, de modo analítico à sociedade outros saberes que promovem a valorização e a reflexão sobre a própria história, a educação e o conhecimento que, muitas vezes, ficam aprisionados e esquecidos nos porões da memória de um povo. Compreendemos que xs discentes fazem parte de um mundo social em que há questões a serem consideradas dentro da academia e discutidas com o alunado; uma forma de circularidade de saberes cujo conhecimento pretende voltar à academia de modo reelaborado e transformado (pesquisa-ação).

7. Considerações finais (“Fim do desfile”)

Nesse movimento de aproximação de temáticas provindas da realidade sócio-educativa-musical com as pesquisas acadêmicas, entendemos que venceu o discurso que leva à sociedade temas como feminismo, intolerância religiosa, sobretudo a luta pela sobrevivência das mulheres através da atividade de ganho, o racismo, o machismo, a história de Itapuã (atividade cultural, atividade pesqueira, etc.), o sincretismo religioso, a valorização do trabalho feminino; quer seja por meio de atravessamentos que se entrecruzam nesse universo de violência de toda sorte contra as mulheres, quer seja nas análises que vimos realizando nos contextos de mulheres.

Aos educadores musicais, serve-nos de reflexão não apenas sobre os contextos em questão, mas os paradigmas utilizados por essas mulheres no tocante aos modos de se articularem pedagógica, musical e comunitariamente.

Podemos dizer que o universo estudado na tese está para além de suas articulações pedagógicas e seu processo de ensino e aprendizagem musical. De fato, marca indelevelmente e transforma a capacidade que pesquisadorxs devem ter sobre as diversas temáticas: Gênero, práticas emancipatórias e decoloniais, visibilidade das mulheres (artística, composicional, performática), negritude (colorismo), ancestralidade musical (cultura ancestral); principalmente, a possibilidade de recortes epistêmicos, como a abertura para levantar outras questões não contempladas durante as pesquisas, a exemplo da intolerância religiosa, tudo isso através da música.

Finalmente, enfatizamos que o discurso sobre o qual falamos tem um forte teor feminista, sendo as ganhadeiras consideradas as primeiras do Brasil, no sentido de estarmos corroborando que antes mesmo de conseguir a liberdade e, mesmo as alforriadas, tinham que desenvolver toda sorte de atividade de ganho para conquistá-la, bem como a dxs filhxs e parentes, com criatividade. Palavra mais que importante na atual história da humanidade para enfrentar o “novo normal”.

A luta pelos espaços e pelos lugares sociais e de fala transparecem em todas as práticas e pedagogias supramencionadas. Portanto, o evento ocorrido na “Passarela do Samba” possibilita levantar tantas reflexões quantas pessoas que assistiram ao espetáculo. Rogamos e folgamos pelo reconhecimento, mais uma vez, das práticas das mulheres como educadoras, e também, educadoras musicais; meio pelo qual elas empoderam as próximas gerações e educam xs filhxs a uma nova mentalidade e conformação societária que procura romper com o sistema normativo cis-hetero-patriarcal e eurocentrado. Para que possamos garantir que a nossa música e história sejam transmitidas às próximas gerações e assim contribuir para a disseminação de uma educação musical brasileira e decolonial.

Referências

- ACAUAN, Ana Paula. Ecologia de saberes: entrevista com Boaventura de Sousa Santos. Porto Alegre: Revista PUCRS, p. 36-37, 2019. Disponível em: <http://www.pucrs.br/revista/ecologia-de-saberes/>. Acesso em: 16 mai. 2020.
- BRITO, Teca. FLADEM – Fórum Latino-americano de Educação Musical: por uma Educação Musical Latino-americana. *Revista da Associação Brasileira de Educação Musical*, Porto Alegre, v. 20, n. 28, p. 105-117, 2012. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/107>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. A dimensão de gênero na análise do envelhecimento. In: FERREIRA, Mary *et al.* (Orgs.). *Os poderes e os saberes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís: Edufma/ Salvador: Redor, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>. Acesso: 30 ago. 2020.
- G1.COM.BR. Samba-enredo da Viradouro, campeã do carnaval do Rio, fez alusão à tese de professora da PB. Matéria jornalística e entrevista (imprensa escrita on-line e vídeo), TV Cabo Branco, João Pessoa, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/02/27/tese-de-professora-da-uftp-foi-referencia-para-samba-enredo-da-campea-viradouro.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- MEDIUM. Zungueira, resistência! Blog Feminismo com Classe. 2019. Disponível em: https://medium.com/@feminismoclasse/zungueira-resist%C3%Aancia-a273ee19d769#_ftn3. Acesso em: 28 ago. 2020.
- MOURA, Mariluce. De Itapuã à Sapucaí, passando pela academia. São Paulo: *Revista Ciência na Rua*, 2020. Disponível em: <https://ciencianarua.net/de-itapua-a-sapuca-i-passando-pela-academia/>. Acesso em: 16 mai. 2020.
- OLIVEIRA, Alda. *A Abordagem PONTES para a educação musical: aprendendo a articular*. Jundiá: Paco Editorial, 2015. 312 p.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogias decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista* [online], Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 mai. 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. 2ª. ed. Coimbra: Edições Almedinas, 2010. 586 p.
- TANAKA, Harue. Diário de uma ritmista aprendiz. João Pessoa: Universitária, 2009. 189 p.
- TANAKA, Harue. Práticas pedagógico-musicais de mulheres performers e suas pedagogias abertas (parte 1). In: SEMINÁRIO DO FLADEM BRASIL, 2., 2018a, Vitória. *Anais...* Vitória: FAMES, 2018. p. 131-143. Disponível em: https://1871f7dc-da63-457f-a6bf-d6f0da6480fc.filesusr.com/ugd/87e8e0_d6550b6398434d6ea687cc07044e1b32.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.
- TANAKA, Harue. Música na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. *Revista Claves*, João Pessoa, (2018), p. 1-25, 2018b. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/42277/21066>. Acesso em: 30 ago. 2020.

TANAKA, Harue. Mulheres em performance musical: nosso musicar local. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 29., 2019. Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPel, 2019. p. 1-9. Disponível em: <https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/view/5708>. Acesso em: 30 ago. 2020.

TANAKA SORRENTINO, Harue. *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Salvador, 2012. 550f. 2v. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12585>. Acesso em: 13 mai. 2020. Acompanha 2 CDs e 1 DVD.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. Artivismo. Brasília: CFEMEA, 2018. Disponível em: <http://feminismo.org.br/%20artivismo/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

Notas

ⁱ Metaforicamente utilizamos nos títulos e subtítulos alguns termos (entre aspas) que remetem aos quesitos de julgamento atual de um desfile de escolas de samba.

ⁱⁱ Jornalista brasileira, criadora da revista Pesquisa Fapesp que dirigiu entre os anos de 1999 e 2014.

ⁱⁱⁱ “Zungar”, palavra derivada do *Kimbundu* que significa “girar” (MONTEIRO, 2012 apud MEDIUM, 2019).

^{iv} V. reportagem sobre a entrevista dada a G1.COM. BR.

^v V. site Universidade Livre Feminista (2020).

^{vi} Vídeo sobre a comissão de frente. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8347036/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

^{vii} V. Tanaka (2015).

^{viii} Uma das vozes mais emblemáticas do grupo. V. “Viradouro anuncia samba-enredo...”. Disponível em: <https://setor1.band.uol.com.br/viradouro-anuncia-enredo-com-tom-feminista-sobre-ganhadeiras-baianas/>. Acesso em: 16 mai. 2020.